

O CICLO JUNINO NO COTIDIANO DO POVO PAULISTA

Lilian Vogel

Gerente de Folclore e Cultura Popular da Prefeitura da Estância de Atibaia
Pesquisadora de Folclore e Cultura Popular
Primeira Secretária da Comissão Paulista de Folclore
Rua Margarida 21 – Atibaia SP cep 12947 503
Telefone: (11) 44114636 e (11) 9 93359339
lilian.vogel@hotmail.com.br; lilian.vogel@terra.com.br

Resumo: O presente artigo busca apresentar a pesquisa realizada no Estado de São Paulo, região Entre Serras e Águas, que traça um panorama das manifestações, tradições, comensalidade e alimentos, superstições e rituais tradicionais do Ciclo Junino, bem como a vida, obra e devoção dos três santos: Santo Antônio, São João e São Pedro, cada um representando um momento da vida do homem na terra, desde o nascimento, a vida e obra e a prestação de contas na hora da morte. O estudo foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica e de campo, por meio de visitas às festas da região e registro de depoimentos dos devotos e participantes das festas. Diante da pesquisa realizada, conclui-se que o ciclo junino do povo paulista, através das procissões, cortejos, missas e celebrações se completam com as danças, as comidas e os grupos folclóricos, mostram tradições vindas da Europa e aculturadas no Brasil.

Palavras-chave: Festa junina, tradição, devoção.

GT01: Ritos, Religiosidade e Festas Populares.

Introdução

A pesquisa foi realizada no interior Paulista – Região Entre Serras e Águas, onde as manifestações das Festas Juninas estão muito presentes, mas já com algumas modificações. Durante vários anos, visitamos as festas, entrevistamos inúmeras pessoas e registramos em fotos e vídeo os principais tópicos, com o objetivo de explicar e exemplificar às pessoas e aos estudantes, o porque de tais manifestações e qual a sua origem. O povo atua na festa dançando a “quadrilha”, mas desconhece sua origem.

Geralmente, entendemos como “festas tradicionais” aquele fenômeno que possui algumas regras ou rituais, passados de pais para filhos, dentro das comunidades, vindas, primeiramente de Portugal e outros países da Europa e depois do continente africano, herdamos costumes e crenças e os incorporamos à nossa vida. Carregamos uma bagagem cultural distinta e que nos elege como um povo alegre, festivo e com uma tradição gastronômica interessante e diversa. As festas também podem marcar uma regularidade nas estações do ano, com festejos específicos ligados aos ciclos das colheitas. Os elementos da natureza, deuses e santos, herdados dos grandes banquetes públicos da antiguidade, onde eram realizadas as cerimônias religiosas que proporcionavam a comunhão do homem com o seu Deus.

Ainda hoje, no Brasil, o elemento marcante das festas ainda é o motivo religioso, muito embora, em algumas delas, o elemento profano tome dimensões maiores. Esta pesquisa, tentará desvendar estes símbolos criados em função da vida de três importantes santos: Santo Antônio, São João e São Pedro. Símbolos estes que tem como elementos os alimentos, a água e o fogo e a sua relação direta entre os deuses e o homem. Tradições que vão desde os rituais católicos como as missas e procissões, como a realização das quermesses, como as danças das quadrilhas, os alimentos à base de milho e amendoim. As superstições para arranjar casamento; o conagraçamento em volta das fogueiras; os enfeites como bandeirinhas de papel; a lavagem dos santos; o levantamento dos mastros e a devoção dos grupos de Congadas aos três santos do mês. No Ciclo Junino, celebramos a vida e morte de Santo Antônio, São João e São Pedro.

Santo Antônio nasceu em Lisboa, Portugal, em 1195. Morreu perto de Pádua em 13 de junho de 1231, e por isto é conhecido como Santo Antônio de Pádua. Sempre se revelou um excelente orador e pregador, ocupando vários cargos como professor de sua ordem na Itália e na França. As moças que desejam se casar, fazem simpatias e promessas. Também colocam o “santo de castigo”, virando sua imagem de cabeça para baixo ou tirando o menino Jesus do seu colo, até que arranjem um namorado ou um casamento. No dia 13 de junho, os devotos vão à Igreja para buscar o “pãozinho de Santo Antônio”, que é distribuído gratuitamente e colocam o pão junto aos outros mantimentos como o arroz, o feijão, para obter fartura o ano todo.¹

São João Batista era filho de Zacarias, sacerdote em Jerusalém, e de Isabel, prima da Virgem Maria. Seus pais já tinham bastante idade quando um anjo profetizou o seu nascimento, que aconteceu na Judéia em 2 aC. Ele deveria se chamar Zacarias como o pai, mas este, que não falava, escreveu numa tábuca: João é o seu nome, que significa “Deus teve compaixão”. Depois do nascimento do filho, Zacarias voltou a falar, explodindo de alegria. Dizem ser este o motivo de soltar rojões no dia 24 de junho. São João é o único Santo da Igreja Católica cuja comemoração se dá no dia do seu nascimento e não no da morte, como aos demais.

Atribui-se a João Batista as boas colheitas – ele profetizava vivendo uma vida simples, despojado de roupas e usando apenas peles de animais, se alimentando de mel de abelhas e frutas. O povo também detém, na sabedoria popular, várias simpatias para arranjar casamentos, usando a figura de São João. Sua imagem também está ligada às águas que purificam e aos rojões que afastam os demônios e os maus agouros. Nesta noite, as festas terminam com danças que variam conforme a região do país. Violeiros, catireiros, fandangueiros e dançadores de São Gonçalo, se reúnem ao lado das fogueiras ou nos salões de baile para se divertir e compartilhar os alimentos da época – que são os derivados de milho e amendoim.¹

São Pedro era um pescador no Mar da Galiléia. Seu nome original era Simão, mas Jesus deu-lhe o nome de Kephas, que significa “pedra” e cujo equivalente em grego tornou-se Pedro. O significado de seu nome surge quando Pedro declarou “Tu és Cristo, o filho de Deus vivo”, o Senhor disse: “Tu és Pedro e sobre essa pedra edificarei minha Igreja”. E conferiu-lhe “as chaves do reino do Céu” - por isto o chamamos de “chaveiro dos céus”, ou “o que abra as portas do céu”.

Pedro foi chefe da comunidade cristã, pregou às multidões, fez milagres em nome de Cristo, foi preso por Herodes e escapou por intervenção divina.

São Pedro morreu em Roma, 64 dC. Sua data festiva é no dia 29 de junho, juntamente com São Paulo. Cultuado como protetor das viúvas e dos pescadores, sua data é comemorada com procissões marítimas e fluviais por todo o Brasil. Dos três santos de junho, ele é considerado o mais sério pois simboliza a morte e o destino do homem, pois a ele cabe decidir se abrirá as portas do céu ou nos enviará para o inferno.

1. Os elementos presentes nas Festas Juninas

1.1 Bandeirinhas

Os enfeites mais comuns nas festas juninas são as “bandeirinhas”. Estas, surgiram porque os três santos homenageados: Santo Antônio, São João e São Pedro tinham suas figuras pintadas em bandeiras coloridas e colocadas nos mastros. Com o passar do tempo, as imagens estampadas foram substituídas por pequenas bandeiras coloridas.

Alguns estudiosos do assunto dizem também que elas representam as estrelas do céu, para onde são erguidos os mastros e onde moram os santos.

Feitas de papel de seda, coladas num barbante ou cordão, elas uniam as pessoas da comunidade para o seu preparo dias antes das festas. Hoje, as indústrias confeccionam as mesmas em plástico colorido.²

1.2 Fogueira

A fogueira deve ser acesa logo que o Sol de põe. Geralmente é acesa pelo dono da festa ou da casa onde ele é montada. A armação da fogueira pode ser quadrada, piramidal, cônica ou arredondada, variando também de altura. A fogueira é um símbolo do Sol, é o fogo que fecunda a terra. É também um símbolo de união e no mês de junho,

¹ ATTWATER, Donald. Dicionário dos Santos. São Paulo: Circulo do Livro, 196

² RANGEL, Lúcia Helena Vitalli, Festas Juninas, festas de São João. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

tem por origem a lenda do nascimento de São João Batista. Segundo ela, Maria, a Mãe de Jesus era prima de Isabel e ambas estavam grávidas e combinaram que quem tivesse o filho primeiro levantaria um mastro na frente da casa para avisar à outra. João Batista nasceu primeiro e seu pai levantou o mastro e ascendeu uma fogueira. Surgindo assim a tradição de se erguer o mastro e ascender a fogueira comemorando o dia de São João Batista. Junto às fogueiras, havia o hábito de soltar balões para levar recados aos santos. Era bom fazer o pedido quando este estava subindo. Se pegasse fogo, significava que o pedido não seria atendido.

Muito comum era o hábito de se assarem batatas doces, milho, mandioca e pinhões, nas brasas quentes, como também a tradição de passar descalço sobre elas sem queimar os pés.

1.3 O Mastro

O mastro votivo é um elemento de grande importância nas comemorações populares, caracterizando o centro da festa, ou marcando o seu início e o seu término. Simboliza a união do Céu e da Terra, do corpo e da alma, do vivo e do morto. Funciona como “condutor” energético e de fé, entre a Terra e o Poder de Deus. Em sua ponta, está a figura do Santo de Devoção: os do ciclo junino como São João, Santo Antonio, São Pedro; a Pomba do Divino Espírito Santo nas festas do Divino. Sua função: interceder por nossos pedidos e nossos agradecimentos, junto a Deus. Representam os cultos agrários, trazidos pelos portugueses. Especialmente nas festas de São João, época propícia para a colheita do milho, os mastros assumem grande importância no agradecimento à generosidade da terra. Podem também simbolizar os elementos fálicos herdados de antigas tradições pagãs da fecundação da terra. Em alguns lugares, espigas de milho são colocadas presas ao mastro, também pedindo fartura para todo o ano. Existe também a tradição de se colocar um pedido ao santo, no buraco onde o mesmo será “plantando”. Como a terra produz o fruto, o pedido será também encaminhado aos Céus, nascerá.

1.4 Brincadeiras Juninas

Durante as festas do mês de junho, além das comidas típicas, das danças de quadrilha, da fogueira, rojões, simpatias e promessas, existem também as brincadeiras. Além disto, as quermesses – barracas ao redor da praça, dentro das escolas ou centros comunitários, com todas as iguarias e brincadeiras, servem para arrecadação de fundos para projetos da própria comunidade envolvida na festa. As brincadeiras mais conhecidas são:

Pescaria: A brincadeira consiste em reproduzir um pequeno lago, que pode ser numa bacia grande com água ou uma bacia com areia. Os peixes podem ser feitos de cartolina e uma argola presa na ponta que pode ser com um clipe de papel ou um arame. A vara pode ser de bambú. Geralmente os peixes são numerados e o número corresponde a um brinde.

Jogo de Argolas: Para esta brincadeira é preciso um número grande de garrafas plásticas cheias de areia para dar peso. As mesmas são arrumadas a uma distância de no mínimo 1,5m do local onde vai ficar o brincante. Geralmente cada um tem direito a jogar 5 ou 10 argolas de plástico, que devem encaixar na garrafa. Ganha quem acertar mais argolas.

Toca do coelho: É feito de madeira ou papelão um quadrado, com algumas tocas. Um coelho é solto neste espaço e entra em uma das tocas. Se elas forem numeradas, o apostador escolhe um número, ou a identifica apenas apontando. Podem ser soltos vários coelhos e vence aquele que escolheu a toca onde o primeiro coelho entrar.

Pau de Sebo: Esta brincadeira consiste em escolher um mastro de madeira de uns cinco metros. Depois, nele é passado sebo de boi, graxa ou cera para ficar escorregadio. Na ponta é colocado um triângulo de madeira onde podem ser colocadas notas de dinheiro ou um cartão com o valor do prêmio. O mastro deve ser fincado ao chão. Quem subir no mastro é o vencedor.³

Correio Elegante: Consiste em escrever bilhetes amorosos e através de um portador, fazer chegar a mensagem ao destinatário. É uma maneira interessante de promover encontros..

Também as brincadeiras da corrida do saco e da cadeira são muito conhecidas.

2. Porque soltamos rojões

As bombas ou rojões, no passado, tinham por finalidade espantar os maus espíritos que circulavam em alguns locais. Tradição trazida pelos portugueses ao Brasil, difundiram-se por todo o país. Confeccionados primeiramente de maneira artesanal, com a pólvora enrolada em papéotes, depois com os rojões de vara e atualmente com os importados da China, os espetáculos continuam. Alguns dizem que os fogos também servem para acordar São João.

Entre as crianças, a brincadeira de soltar bombinhas é conhecida por diversos nomes: traque, biribinha, chilene, cartucho, cordão, cobrinha, buscapé e outros.

3. Os balões

Hoje os balões são proibidos pois quando caem e a chama ainda está acesa há o perigo de pegar fogo nas matas e nas residências também. Muitos levam uma cauda, feita de fogos de artifício. Os balões serviam para levar mensagens da terra para os céus ao encontro dos santos juninos, pedindo proteção, boas colheitas e amores. De várias cores e tamanhos e formas, não importa, a função também era a de colorir as noites frias de junho.

4. A Dança da Quadrilha

Estas danças são uma espécie de caricatura dos belos bailes da cõrte que aconteciam nos salões. Saíram para as ruas e se modificaram, de acordo com o modo de viver do povo. Continuaram a usar as sequências de passos com nomes franceses e usaram a instituição do casamento para daí surgir o “casamento caipira”, como uma chacota aos casamentos clássicos. Tem o nome de quadrilha porque imita a dança de salão francesa para quatro pares, a “quadrille”, dançada na França entre o início do século XIX e a

³ RANGEL, Lúcia Helena Vitalli, Festas Juninas, festas de São João. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

Primeira Guerra Mundial. Esta dança francesa, já era uma modificação da “contradanse”, que se desenvolveu a partir de uma dança inglesa originária do campo, surgida provavelmente no século XIII, popularizada por toda a Europa na primeira metade do século XVIII. A elite portuguesa imitava tudo que viesse de Paris.

Os movimentos nacionalistas e folclóricos divulgaram muito estas danças, tornando-as uma expressão da cultura cabocla, inclusive ridicularizando a figura do homem do campo, usando em seus trajes elementos que sugerem a pobreza como as roupas remendadas, o chapéu de palha desfiado, as calças que mal servem na pessoa, a falta dos dentes na boca e as mulheres com vestidos de chita (tecido muito simples e barato) etc. Estes personagens talvez sejam imitados do personagem do Jeca Tatu, que Monteiro Lobato criou para homenagear o caipira paulista.

Nas Festas Juninas que acontecem no Nordeste, os grupos de dança já se tornaram uma atração turística, e existem concursos muito grandes realizados nesta época.

Existe sempre um mestre, chamado de “marcante ou marcador” que, usa palavras em francês, aprendido de forma oral e não muito correto na pronúncia. Exemplos: “anarriê”- em arrière – significa para trás – este em é com n mas este computador não sabe! “changedidame” - changer de dame – trocar de dama; “anavã” - em avant – em frente – este em é com n também! ; “chemandidame”- chemin de dame – caminho das damas. Quem abre a dança geralmente é o casal de noivos e este ritual matrimonial está ligado às Festas de São João européias que também celebravam aspirações ou uniões matrimoniais. Este casal de noivos pode vir acompanhado com os pais da noiva em atitude de intimidar o noivo para a realização do casamento.⁴

Os trajes mais comuns para os homens são: uma camisa xadrez, uma calça com remendos de tecidos coloridos, um lenço no pescoço, uma chapéu de palha e botas. No rosto, a maquiagem imitando um bigode e um cavanhaque. Para as mulheres são: vestido confeccionado com o tecido de chita (muito colorido e com motivos florais) bem rodados e com rendas, tranças no cabelo e chapéu de palha enfeitado com flores e fitas, meias brancas, calças curtas feitas com o mesmo tecido do vestido. A maquiagem do rosto é feita com bastante blush, enfatizando as maçãs do rosto: pintinhas pretas como se fossem sardas e um batom bem vermelho na boca.

5. Alimentos do mês de junho

O ciclo junino se inicia no dia 13 de junho com a comemoração de Santo Antonio, segue no dia 24 com São João e dia 29 com São Pedro. Durante todo o mês e até no mês de julho, várias festas e quermesses acontecem por todo o Brasil. Na região sudeste, nesta época, estamos em pleno inverno. A noite de 24 de junho é considerada a mais longa e mais fria do ano. Propício para estar ao lado da fogueira, tomar quentão, comer pinhão e batata doce. Com toda a modernidade de nossos dias, século XXI, muitas coisas mudaram, mas os quitutes e bebidas continuam a ser consumidos até nas quermesses.. Alguns deles, como: a pipoca, o pinhão, o amendoim e seus derivados, o milho e os bolos, pamonhas e curaus e o quentão e o vinho quente.

4-RANGEL, Lúcia Helena Vitalli, Festas Juninas, festas de São João. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

5.1 O Amendoim

O amendoim – do tupi mandu'wi é a semente comestível da planta *Arachis hypogaea* L. da família Fabaceae. Pode ser confundido com noz, mas seu fruto é do tipo fruto da vagem. A planta do amendoim é uma erva, com um caule pequeno e folhas trifolioladas, com raiz aprumada. Tem flores pequenas, amareladas e, depois de fecundadas, inclinam-se para o solo e a noz desenvolve-se subterraneamente. É muito utilizado na fabricação de óleo para cozinha. Na alimentação é usado como manteiga de amendoim, nos doces, apenas torrado, como recheio ou componente de bombons e chocolates. A parte aérea da planta é utilizada como feno e fertilizante de solo. Seus grãos servem para fazer um leite sem lactose. O amendoim é uma planta originária da América do Sul e foi difundido pelos indígenas nas diversas regiões da América Latina, Central e México. No século XVIII foi introduzido na Europa. Seu plantio foi muito importante nas pequenas propriedades abertas nas matas desbravadas pelos bandeirantes em nossa região. Conhecemos as receitas de paçoca, pé-de-moleque, praliné, bolos, recheios e sorvetes.

5.2 A Paçoca

A paçoca é um doce feito com amendoim, farinha de mandioca e açúcar. O nome vem do tupi pó-çoc, que significa esmigalhar.

5.3 O Pé de Moleque

Outro doce à base de milho é o pé de moleque, preparado com o amendoim e um caramelo de açúcar ou de rapadura, dependendo da região brasileira. Seu nome deve ter sido dado à semelhança entre a cor que o doce toma depois de caramelizado com os pés dos meninos que andavam descalços pelas ruas de terra. Em algumas cidades brasileiras há um calçamento de rua, com pedras roliças que também leva este nome.

5.4 O Milho

O milho (*Zea mays*) é um cereal cultivado em grande parte do mundo, muito utilizado como alimento humano e animal, e com muitas qualidades nutricionais, contendo quase todos os aminoácidos conhecidos. Possui muitas variedades e sua origem deve ser americana, pois é cultivada desde o período pré-colombiano. Alimentação básica de várias civilizações importantes ao longo dos séculos, os Olmecas, Maias, Astecas e Incas reverenciavam o cereal na arte e na religião. Com as grandes navegações do século XVI e o início do processo de colonização da América, o cultivo do milho se expandiu para muitas partes do mundo, sendo hoje cultivado e consumido em todos os continentes, entretanto sua produção só perde para a do trigo e do arroz. **Na alimentação:** Além de grande fonte energética, o milho conserva sua casca, rica em fibras, fundamental para a eliminação das toxinas do organismo humano. Também constituído de carboidratos, proteínas e vitaminas do complexo B, possui potencial calórico e grandes quantidades de açúcares e gorduras; sais minerais como ferro, potássio, fósforo e zinco, mas também é rico em ácido fítico, que dificulta a absorção dos minerais.⁵

5-CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. O Milho e a Mandioca .São Paulo:Cadernos do folclore – 18ºVolume.

5.5 A Pipoca

A origem da pipoca é desconhecida. Sabemos que antes do descobrimento da América, os índios do Norte do continente já comiam a pipoca. Para eles, o milho sempre foi fonte de alimento muito importante e com forte vinculação com as divindades do seu mundo. Segundo eles, o grão do milho armazenava um espírito dentro de si, que, depois de aquecido no fogo, se irritava até estourar. Há notícias do consumo da pipoca no Peru, no período pré-inca.

A palavra pipoca deriva do tupi – pi'poka – e quer dizer “milho arrebetado ou estalado”. O que se sabe é que primeiramente as espigas eram colocadas em espetos e levadas ao fogo. Depois, os grãos foram levados ao fogo baixo ou então cozidos em uma panela de barro com areia quente. Mas o resultado é sempre o mesmo: o milho estoura porque o grão contém muita água em seu interior e aquecido, a pele explode. Depois vieram as formas de estourar a pipoca na panela com óleo ou manteiga e sal. Hoje, são as pipocas de microondas e também com variações de sabores como queijo, bacon, ervas finas e a doce, caramelizada e com corante. Nas quermesses ou na porta das igrejas, a figura do “pipoqueiro” era obrigatória.

5.6 Pamonha

A pamonha é uma iguaria feita com o milho verde. É muito comum, não só nas festas juninas, como em todo o país, com algumas variações. O nome “pamonha” vem da palavra tupi pa'muña, que significa “pegajoso”. Curiosidade: A cidade de Piracicaba ficou famosa com a tradição de fazer pamonhas, porque a família Rodrigues, nos anos 60 e 70, fabricava mais de 5.000 pamonhas por dia para serem vendidas em todo o estado e fez fama pelo interior. 9

6. Conclusão

Após este estudo, concluímos que nas Festas Juninas do Estado de São Paulo, as procissões, cortejos, missas e celebrações se completam com as danças e as comidas. Além disto, os grupos folclóricos se apresentam mostrando as tradições vindas da Europa e aculturadas no Brasil.

A Comensalidade – o ato de comer com os parentes, vizinhos e amigos nunca deixará de existir. Sempre estaremos prontos para experimentar. Isto é próprio do ser humano. E nossas raízes aqui no Brasil, com toda esta mistura de raças e povos tão diferentes, fez de nossa culinária um misto delicioso de sabores. Muito ainda deve ser comentado sobre a culinária paulista, principalmente esta, do mês de junho. O restante da pesquisa pode ser encontrado no livro: “ Viva Santo Antônio! Viva São João! Viva São Pedro! Promessa, Fogueira e Rojão. O Ciclo Junino no cotidiano do Povo Paulista” – de Lilian Vogel - ProAc – 2011.

7. Referências

ATTWATER, Donald. Dicionário dos Santos. São Paulo: Círculo do Livro, 1965.

CAMARGO, Maria T. Lemos de Arruda. O Milho e a Mandioca SP-Cadernos do folclore vol.18,

FELIPE,C; MANZO, M.O Grande Livro do Folclore:Leitura,2000

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. Festas Juninas, festas de São João. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.